

# Índios estão mais desnutridos que pobres do Nordeste

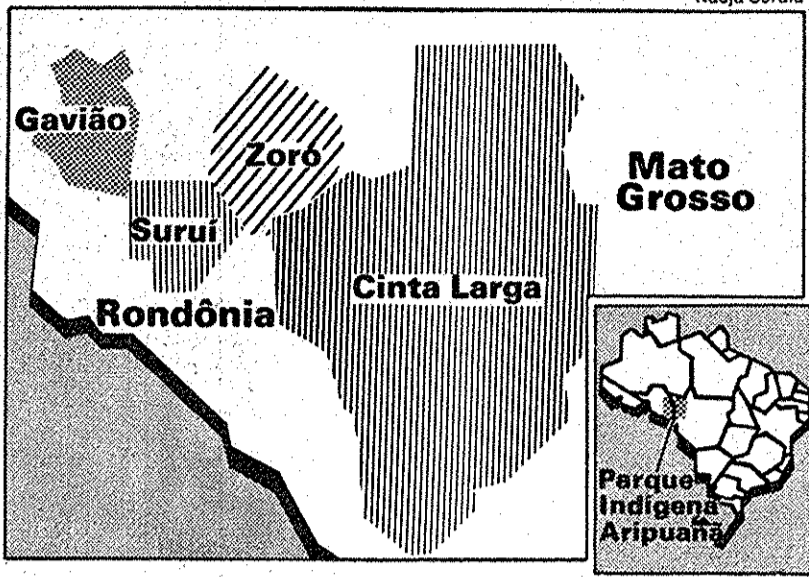
Sérgio Adeodato

Os índios brasileiros que vivem na Amazônia estão duas vezes mais anêmicos e desnutridos do que os habitantes das áreas mais pobres do Nordeste. A conclusão é do pesquisador Ricardo Santos, do Núcleo de Doenças Endêmicas da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp), que avaliou as condições de saúde dos 1.700 índios que vivem no Parque Aripuanã, na fronteira de Rondônia com Mato Grosso. Enquanto no Nordeste o índice de mortalidade infantil é de 142 crianças em cada mil, entre os índios estudados esse número sobe para 250 em cada mil, quase o dobro.

Esse quadro de inanição está sendo provocado, ao longo dos anos, pela mudança do padrão alimentar dos índios da região, que abandonaram a agricultura tradicional e os alimentos mais ricos em proteína, como o pescado e as frutas, substituindo-os por alimentos enlatados e à base de amido, como latas de sardinha e macarrão, comprados nas cidades próximas à aldeia. Quando falta dinheiro, normalmente conseguido com a venda do café plantado na mata, os índios não podem comer. O problema se agrava porque a deficiência de ferro normalmente ocorre paralelamente a outros problemas de saúde, como diarreia, malária e doenças respiratórias, que debilitam ainda mais o organismo.

O mito do índio brasileiro saudável e robusto está cada vez mais longe da realidade: a pesquisa da Ensp avaliou 280 índios de até 11 anos e constatou que 60% estavam anêmicos. Na tribo suruí, a mais aculturada entre as quatro tribos que habitam o Parque Aripuanã, o índice de anêmicos aumenta para 78%. Através da medição do peso e da altura, Ricardo Santos verificou que 55% dos índios es-

## A área dos suruíis

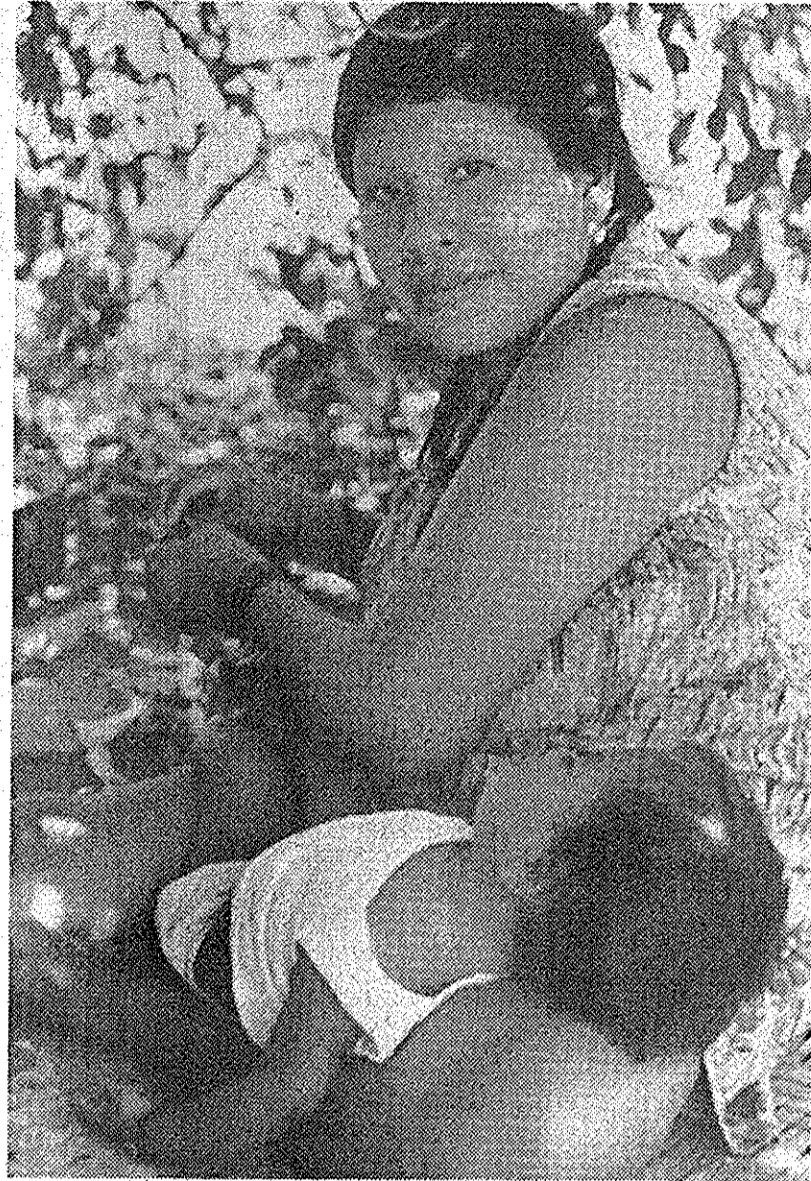


tavam desnutridos, ou seja, com altura e peso muito pequenos para a idade. No Nordeste, o índice está entre 20% e 30%.

“Essa realidade é parecida com a das favelas do Rio de Janeiro, mas entre os índios há um agravante: o isolamento geográfico e linguístico dificultam o acesso a serviços de saúde”, explica o sanitário Carlos Coimbra, também pesquisador da Ensp. “A desnutrição não está afetando somente os índios, mas também as populações ribeirinhas da Amazônia. Esses dados cruéis que estamos obtendo ultrapassam as fronteiras do Parque Aripuanã”, adverte Coimbra. A cólera, que ameaça atingir os índios ticunas que vivem perto de Tabatinga, às margens do Rio Solimões, no Amazonas,

e se espalhar por outras tribos, poderá tornar essa situação ainda mais preocupante.

As alterações da dieta alimentar dos índios brasileiros começa a causar problemas de obesidade nas aldeias. Índios demasiadamente gordos correm o risco de contrair doenças como hipertensão, diabetes e problemas cardiovasculares — males muito comuns entre os índios americanos. “Na aldeia Pima, no Sudoeste dos Estados Unidos, 50% dos índios sofrem de diabetes”, informa Carlos Coimbra, alertando que a tendência é ocorrer o mesmo com os índios brasileiros. Dados obtidos pelos cientistas da Ensp, dizem que pelo menos 5% dos índios suruíis são obesos.



A obesidade também é problema nas aldeias indígenas

## Exame dos dentes revela doenças

Para descobrir como era a saúde indígena antes do contato com o homem branco, os pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública estudaram cerca de mil dentes dos índios do Parque Aripuanã. Através da análise dos defeitos de formação do esmalte dentário é possível descobrir se o índio teve problemas de saúde no passado. Quase 100% dos índios avaliados apresentaram defeitos no esmalte dentário — esse número é superior ao dobro do verificado em comunidades pobres do México —, mostrando que as doenças infecciosas já atingiam as populações indígenas há pelo menos 400 anos, antes mesmo dos movimentos migratórios que levaram o homem branco à fronteira das aldeias.

Pelo menos 30% dos índios do Parque Aripuanã já tiveram tuberculose, problema agravado pela desnutrição e pela ausência de serviços de saúde. “Sem tratamento, o índio doente espalha o germe da tuberculose nas aldeias”, explica Carlos Coimbra. No momento, as doenças infecciosas são as mais frequentes entre os índios da Amazônia.

O pesquisador descobriu que 45,6% dos índios suruíis que vivem no parque estavam infectados pelo fungo que causa uma doença pulmonar chamada de paracoccidiodomicose, que é mortal se não for tratada. O fungo vive no solo e é contrai-do pelo índio através da inspiração da poeira quando trabalha com a enxada nas plantações de café. Entre os índios da tribo gavião, que também está instalada no parque e que não planta café, somente 6,9% estavam infectados. “A mudança do tipo de cultura agrícola pelos índios está espalhando essa doença pela Amazônia”, conclui Carlos Coimbra.



Crianças suruíis estão desnutridas devido à mudança de hábitos alimentares de sua tribo

## Saúde das mulheres vai mal

Maioria sofre com problemas ginecológicos

O fumo, o álcool, as mudanças na dieta alimentar e as relações sexuais com índios que visitam os centros urbanos estão deixando as mulheres indígenas mais expostas às doenças ginecológicas típicas das mulheres da cidade grande. Exames feitos pela infectologista Regina Lana, do Hospital Evandro Chagas, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), revela que 70% das índias suruíis entre 20 e 40 anos que vivem no Parque Aripuanã, na fronteira de Mato Grosso com Rondônia, estão com inflamações no aparelho genital. Em muitos casos, as infecções provocam câncer.

Os suruíis estão em contato com o homem branco desde 1969 e trocaram a agricultura tradicional indígena pela exploração de madeira e plantações de café, passando a consumir alimentos mais pobres em proteína. Preocupados com as consequências desse contato dos índios com o homem branco, pes-

quisadores da Fiocruz começaram a avaliar as condições de saúde das mulheres indígenas.

A pesquisa verificou que doenças sexualmente transmissíveis são comuns na tribo dos suruíis, que pratica a poligamia — cada índio tem pelo menos três mulheres. “O problema é que esses índios viajam com frequência às cidades, onde mantêm relações sexuais. Quando retornam à aldeia, levam junto os germes que afetam as mulheres dos centros urbanos, transmitindo-os às índias”, explica a médica Regina Lana, coordenadora da equipe de pesquisadores da Fiocruz.

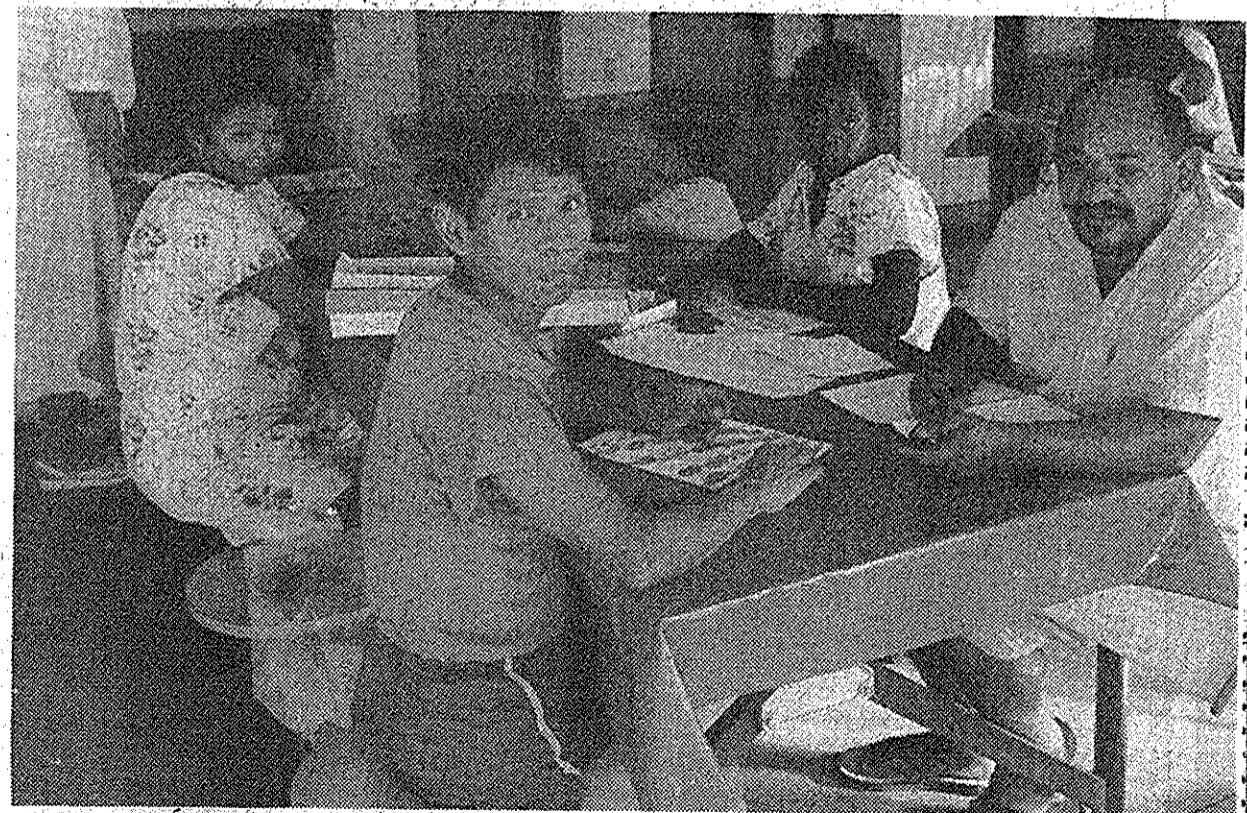
O problema se agrava com o costume das índias de gerar ao longo da vida o maior número possível de filhos. As suruíis engravidam pela primeira vez por volta dos 14 anos — as que têm entre 20 e 40 anos já passaram por seis a sete gestações, em média. Doze por cento das índias acima de 40 anos pesquisadas estavam grávidas — número muito superior ao normalmente verificado nas cidades, nesta faixa etária. Acima dessa idade, as suruíis analisadas tiveram, em média, nove gestações ao longo da vida, mas apenas seis filhos sobreviveram.

Infecções do aparelho genital, pro-

blema de saúde mais comum nas 120 índias examinadas pela pesquisadora, foram identificadas, por exemplo, nas três mulheres do cacique Itabira, o líder dos suruíis que rendeu-se ao dinheiro dos madeiros de Rondônia e tem um padrão de vida totalmente diferente dos outros índios da tribo. “Ele mora numa casa — e não numa oca — num vilarejo perto da aldeia, veste camisa de seda e tem até um Santana do ano”, conta Regina Lana.

Além das doenças sexualmente transmissíveis e infecções genitais comuns como a candidíase e a tricomoníase, a médica encontrou alterações de mama em 32% das índias com mais de 40 anos. São nódulos dolorosos que aparecem devido à falta de vitamina E e ao consumo de café e fumo.

A pesquisadora identificou índias com sífilis, outras com câncer ginecológico e muitas mulheres obesas, o que significa riscos de contrair doenças cardiovasculares. Apesar dos problemas de saúde, as índias conseguem manter o padrão normal de amamentação dos filhos: entre as mulheres avaliadas, 40% estavam amamentando e 11% eram gestantes.



A Casa do Índio recebe pacientes de todo país que necessitam de tratamento especializado

## Doentes mentais vivem em casa no Rio

Além da desnutrição, das doenças parasitárias e infecciosas, como a tuberculose e a malária, o índio brasileiro começa a sofrer enfermidades mentais. Esses males podem ser provocados por problemas que vão desde má formação dos nervos até a difícil adaptação do índio à cultura imposta pelo homem branco. Um triste retrato dessa realidade está na Casa do Índio — uma espécie de enfermaria mantida pela Funai na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio, para receber índios de todo o país que necessitam de tratamento especializado. Ali, 20 dos 42 índios internados são doentes mentais: “Uns têm personalidade suída, outros são psicopatas e esquizofrênicos, e temos também os alcoólatras”, informa Eunice Carini, diretora da Casa do Índio.

“Esses índios chegam aqui para tratar-se nos hospitais do Rio e acabam ficando: se voltarem à aldeia serão rejeitados pela tribo, que habitualmente considera a doença mental como um castigo divino”, explica a diretora.

Na Casa do Índio, ao lado dos que têm problemas psiquiátricos vivem os que contrairam alguma doença na floresta e foram enviados ao Rio por funcio-

nários da Funai que trabalham em suas áreas. Entre eles está a índia caxinaua Maria Francisca, 8 anos, que há três saiu de sua aldeia, no Acre, para se tratar de uma doença conhecida popularmente como fogo selvagem — uma enfermidade ainda pouco explicada pela ciência e que deixa a pele descamada e em carne viva logo depois da picada do inseto.

Com uma boneca de pano nas mãos, Francisca diz que quer voltar logo para sua aldeia para plantar frutas junto com a mãe: “Prefiro brincar de pescar os peixes mais difíceis do rio que fica perto da aldeia do que ficar aqui”, conta a menina.

Já a índia xavante Margarida, 44 anos, não quer voltar à sua aldeia, no Mato Grosso do Sul. Andando de muletas devido a um problema neurológico nas pernas, a índia atualmente trabalha como costureira, fazendo as roupas de todos os doentes internados na Casa do Índio. “Com esse problema nas pernas, não poderei ter os sonhos das outras mulheres da aldeia: casar, ter filhos e plantar frutas na roça”, lamenta.

O índio uapixaná Laureano Douglas, 26 anos, é brasileiro, mas só sabe falar

inglês: sua tribo está instalada no Oeste de Roraima, fronteira com a Guiana, país onde o idioma mais falado é o inglês. Casado, com dois filhos, o índio trabalhava em plantações de banana até adoecer, com câncer de pescoço. A doença, contrária, segundo ele, pelo constante esforço físico de carregar bananas, acabou causando paralisia em suas pernas. Numa cadeira de rodas, Laureano conta que está bem melhor depois das sessões de fisioterapia que fez no Hospital Universitário do Fundão, no Rio. “Espero estar andando em um mês”, prevê o índio, pronunciando um inglês sem qualquer sotaque tupiniquim, aprendido através do contato com missionários americanos na Guiana.

Na Casa do Índio, a dieta alimentar é bem diferente da alimentação indígena tradicional: os 42 índios internados consomem diariamente três quilos de açúcar, óleo de arroz, dois de feijão, sete caixas de aveia, 300 mililitros de óleo de soja, duas latas de leite em pó e dois quilos de bucho de boi. Como a cozinha da casa está desativada, os funcionários estão cozinhando com lenha no pátio, por onde passam mensalmente cerca de 50 índios doentes.